

Resenha

Para além da família: comuna, cuidado e comunismo em *Family Abolition*

Beyond the family: commune, care and communism in *Family Abolition*

Más allá de la familia: comuna, cuidado y comunismo en *Family Abolition*



Georgia Paula Martins Faust

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

E-mail: geo.faust@gmail.com

O'BRIEN, M. E. **Family Abolition**: Capitalism and the Communizing of Care. London; Las Vegas: Pluto Press, 2023.

Submetido em: 23 de julho de 2025

Aceito em: 6 de outubro de 2025

M. E. O'Brien é socióloga, militante trans e editora *queer* estadunidense, doutora em Sociologia pela New York University, onde também leciona Estudos *Queer*. Atuou no New York City Trans Oral History Project, em lutas antirracistas, transfeministas e por justiça econômica, sendo editora das revistas *Pinko* (dedicada ao comunismo *queer*) e *Parapraxis* (voltada ao avanço do pensamento psicanalítico popular) (O'Brien, 2025). Sua trajetória combina marxismo, teoria *queer*, teoria da comunização e feminismo negro, articulando essas vertentes com a Teoria da Reprodução Social (Zhu, 2023).

Autora de *Family Abolition: Capitalism and the Communizing of Care* (2023), O'Brien propõe a abolição da família como expansão radical do cuidado, defendendo que os afetos presentes nas famílias sejam generalizados, livres da propriedade, da normatividade

de gênero e da dependência do mercado e do Estado. Para ela, a família é uma tecnologia funcional ao capitalismo, e sua superação exige reorganizar os cuidados de forma coletiva e ética. Sua análise articula Teoria da Reprodução Social (TRS), crítica *queer*-marxista e experiências negras e indígenas, vinculando a abolição da família à luta contra o trabalho assalariado, o racismo e o patriarcado.

Publicado em 2023 pela Pluto Press, editora independente de tradição anticapitalista que publica obras críticas em áreas como marxismo, feminismo, estudos pós-coloniais, teoria *queer* e movimentos sociais contemporâneos, *Family Abolition* divide-se em três partes. A primeira, *The Impossible Family* (A Família Impossível), traça um diagnóstico da família como tecnologia de contenção social e unidade de reprodução capitalista. A segunda, *A History of Family Abolition* (Uma História da Abolição da Família), revisita Marx, Engels e Kollontai para discutir a destruição da família operária durante a industrialização; analisa o papel da família como tecnologia de dominação na escravidão e no genocídio indígena; examina as transgressões sexuais como parte do desenvolvimento capitalista; e descreve como o movimento operário do século XX incorporou o ideal da família nuclear como símbolo de respeitabilidade. Por fim, trata das rebeliões da Década Vermelha – termo que usa para designar os levantes feministas antirracistas e LGBTQIA+¹ dos anos 1960 e 1970, que colocaram em xeque a normatividade familiar imposta pelo capitalismo e pelos próprios movimentos socialistas tradicionais. A terceira, *Toward the Commune* (Em direção à Comuna), discute novas alianças, a reprodução social comunista e práticas de cuidado coletivo, como cozinhas populares, propondo comunas como alternativa ao modelo familiar privatizado. Na conclusão, O'Brien reafirma o cuidado como horizonte político para futuros comunistas, articulando teoria e história de forma clara e relevante.

O'Brien dialoga com Sophie Lewis, autora de *Full Surrogacy Now* (2019), ao criticar a família como unidade privatizada de cuidado e propor alternativas comunistas baseadas em redes coletivas e éticas. Se Lewis (2019) defende a gestação para to-

¹ Sigla para lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, intersexuais, assexuais e outras identidades e expressões de gênero e sexualidade.

dos – uma crítica à maternidade como destino naturalizado e à romantização da reprodução biológica, defendendo sua socialização como parte de uma política radical de cuidado –, O'Brien amplia a crítica ao imaginar formas materiais de reorganização do cuidado. Em vez da família nuclear, sugere cozinhas coletivas, centros de cuidado e assembleias populares como formas de sustentação da vida compartilhada. Para O'Brien (2023), a família é uma construção funcional ao capital, que privatiza o cuidado e mantém hierarquias de gênero, raça e classe, sendo necessário superá-la para futuros comunistas.

A Teoria da Reprodução Social (TRS) emerge das tradições do feminismo marxista para analisar como o cuidado, a socialização e a manutenção da força de trabalho são centrais ao funcionamento do capitalismo. Autoras pioneiras destacaram como o trabalho doméstico e os cuidados, geralmente desempenhados por mulheres, são invisibilizados como parte essencial da reprodução das relações de produção (Vogel, 2013 [1983]; Federici, 2019). Nesse sentido, a TRS entende que a luta anticapitalista deve necessariamente incluir a reorganização da reprodução social, conectando-a às lutas feministas e antirracistas. O'Brien apoia-se nessa tradição para argumentar que a família, como unidade privatizada de cuidado, é funcional ao capital e precisa ser superada para viabilizar futuros comunistas.

Aplicar o diagnóstico de O'Brien ao Brasil exige inflexão crítica. A ideia de "crise do cuidado", ancorada em contextos de Estado de bem-estar, não se ajusta a um país onde essa mediação sempre foi restrita e racializada. Como aponta Lélia Gonzalez (2020), a reprodução da vida no Brasil recai historicamente sobre mulheres negras, empurradas para o cuidado nos lares e em serviços precários. Programas como o Bolsa Família operam sob focalização e responsabilização individual, sem rede pública de cuidados, relegando às mulheres o peso da reprodução social (Campello; Falcão, 2014). Assim, a "crise do cuidado" no Brasil reflete a intensificação de uma precariedade estrutural. A leitura de O'Brien desde o Sul Global revela como a família opera como tecnologia de gestão da pobreza e contenção social, perpetuando desigualdades históricas.

A análise de Melinda Cooper (2022) complementa a crítica de O'Brien ao mostrar como neoliberalismo e conservadorismo convergem na defesa da família como substituta do Estado de bem-estar. A família reaparece como mecanismo moralizado de gestão da pobreza e internalização de custos sociais sob o capitalismo financeiro.

O'Brien argumenta que o ideal de família – branca, heterossexual, nuclear e proprietária – é racializado e violento, funcionando como dispositivo de exclusão: famílias pobres, negras, migrantes ou LGBTQIA+ são deslegitimadas e vigiadas por não se adequarem ao modelo ideal. Ao mesmo tempo, a esfera privada familiar concentra altos índices de violência doméstica, abuso infantil e feminicídio, geralmente silenciados pela lógica da privacidade burguesa. Sua crítica não é à convivência afetiva, mas às formas coercitivas e proprietárias que estruturam o cuidado sob o capitalismo. Abolir a família, nesse contexto, significa romper com a naturalização da dominação e abrir espaço para relações de cuidado e afeto livres de propriedade e autoridade patriarcal.

4

Essa leitura permite compreender que a crítica de O'Brien vai além de denunciar um modelo familiar em crise: explica o papel estruturante da família na reprodução das relações capitalistas. Para a autora, a crise familiar não resulta de mudanças culturais ou escolhas individuais, mas da estagnação estrutural do capital.

Como analisa Kathi Weeks (2023), a família é mantida como sistema privatizado de reprodução social, mesmo quando se diversifica em suas formas aparentes. O'Brien retoma a crítica estrutural de Michèle Barrett e Mary McIntosh (1991), que argumentam que o problema não está apenas nas formas que a família assume, mas no fato de que a sociedade capitalista depende dela como núcleo de reprodução social. Em vez de reformar ou legitimar arranjos familiares, a proposta é transformar radicalmente a sociedade que os exige, criando condições materiais e institucionais para organizar o cuidado de forma coletiva, universal, ética e não patriarcal.

Um paralelo interessante pode ser feito com Oyèrónké Oyěwùmí (2021), que denuncia a imposição colonial do gênero binário e da organização familiar patriarcal às sociedades iorubás, nas quais as relações sociais não eram, originalmente, organizadas com base em categorias de sexo/gênero, como no Ocidente. Tal crítica reforça a argumentação de O'Brien ao evidenciar que o projeto colonial não apenas destruiu formas de parentesco não normativas, mas também instalou modelos familiares racializados e patriarcais como instrumentos de dominação social.

O'Brien (2023) propõe as comunas por vir, que são formas coletivas de vida e cuidado que emergem de experiências insurgentes – como cozinhas em acampamentos de protesto ou casas de *ball-room*. Embora reconheça os limites e os riscos desses espaços, ela os enxerga como sementes de uma futura organização comunista da reprodução social. A Comuna de Oaxaca² é apresentada como exemplo vivo de abolição da família: mulheres indígenas reorganizaram o cuidado de forma coletiva nas barricadas, desafiando papéis familiares tradicionais. Essas experiências insurgentes revelam o potencial da comunalização do cuidado como prática revolucionária.

Weeks (2023) ajuda a contextualizar esse projeto ao recuperar os debates dos anos 1970 sobre a abolição da família. Em seu artigo, defende que o abolicionismo familiar deve ser entendido como método e horizonte, e não como mera rejeição de experiências afetivas. Tal como O'Brien, ela insiste que o foco deve estar nas estruturas sociais – naturalização, individuação, privatização – que sustentam a família como regime de reprodução social. Ambas reconhecem o paradoxo de que grupos marginalizados, como negros e migrantes, muitas vezes veem a família como espaço de resistência e abrigo, mas também como lugar de coerção. Essa tensão dialética precisa ser mantida viva: negar o potencial emancipatório do cuidado familiar seria ingênuo, mas romantizar o modelo nuclear é igualmente limitante (Weeks, 2023).

2 A Comuna de Oaxaca refere-se ao levante popular ocorrido em 2006 no estado de Oaxaca, no México, quando professores, comunidades indígenas, mulheres e movimentos sociais formaram a *Asamblea Popular de los Pueblos de Oaxaca* (APPO). Durante vários meses, a população autogeriu bairros e serviços públicos, estabelecendo formas de organização comunitária e de cuidado coletivo, frequentemente descritas como uma experiência de comuna contemporânea (O'Brien, 2023).

Em síntese, *Family Abolition* é uma obra provocadora que re-coloca no centro do debate a crítica à família como instituição. Sua maior contribuição está em articular um horizonte comunista com base na reorganização do cuidado e da vida cotidiana, tomando o afeto como questão política e material. Apesar da consistência teórica e da impressionante articulação de referências marxistas, feministas, *queer* e decoloniais, há lacunas que podem ser exploradas em trabalhos futuros. O'Brien constrói um diagnóstico robusto sobre as formas históricas e contemporâneas da dominação familiar, mas seu foco permanece fortemente ancorado na realidade norte-americana. Em que pese seu esforço em incorporar perspectivas negras, indígenas e trans, o diálogo com o Sul Global ainda é tangencial.

Considerando que a instituição familiar opera sob regimes muito distintos fora do eixo euro-americano – regimes marcados por colonialismo, ausência de proteção social generalizada e informalidade estrutural –, uma análise mais situada, com atenção às especificidades da reprodução social em contextos periféricos, enriqueceria ainda mais a proposta abolicionista. A autora também poderia aprofundar os desafios das formas comunitais de cuidado em larga escala, como divisão de tarefas e resolução de conflitos, para evitar que novas formas de organização reproduzam desigualdades, mesmo fora da estrutura familiar.

A crítica de O'Brien ao casamento homonormativo insere-se no debate sobre os limites do reconhecimento jurídico de casais LGBTQIA+ dentro de moldes heteronormativos e privatistas. Ela aponta como a conquista do casamento igualitário, embora importante em termos legais, reforça a centralidade da família nuclear e desmobiliza demandas mais radicais por formas coletivas de cuidado e solidariedade. Nesse sentido, a autora se distancia de uma agenda assimilacionista que busca inclusão nas estruturas existentes, e reivindica uma política anticapitalista voltada à transformação das condições materiais da reprodução social. Tal crítica é bem fundamentada, mas poderia ser fortalecida pelo aprofundamento das tensões internas entre reconhecimento jurídico e

demandas anticapitalistas. Em que medida é possível articular, sem concessões liberais, a luta pelo direito ao afeto e à formação de vínculos sem reforçar os alicerces da família privada?

Por fim, uma interrogação persiste: como engajar o debate público com a proposta de abolição da família, considerando que a experiência familiar ainda é, para muitos, o principal ou único espaço de proteção e pertencimento? Talvez o desafio mais complexo do livro de O'Brien seja político e não apenas teórico: transformar o imaginário social e afetivo sobre a família sem reproduzir ressentimentos ou deslegitimar resistências populares já existentes. Ao tensionar os limites do possível, *Family Abolition* convida a repensar a centralidade da família e a imaginar formas concretas e radicais de cuidado e solidariedade.

Referências

BARRET, Michèle; MCINTOSH, Mary. **The Anti-Social Family**. London; New York: Verso, 1991.

CAMPELLO, Tereza; FALCÃO, Tiago. O fim da miséria é só um começo. In: CAMPELLO, Tereza; FALCÃO, Tiago; COSTA, Patricia Vieira da. (org.) BRASIL. **O Brasil sem miséria**. Brasília: MDS, 2014. p. 793-823.

COOPER, Melinda. **Los Valores de la Familia**: Entre el neoliberalismo y el nuevo social-conservadurismo. Tradução de Elena Fernández-Renau Chozas. Madrid: Traficante de Sueños, 2022.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Elefante, 2019.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 36-49.

LEWIS, Sophie. **Full Surrogacy Now:** Feminism Against Family. London; New York: Verso, 2019.

O'BRIEN, M. E. **Family Abolition:** Capitalism and the Communizing of Care. London; Las Vegas: Pluto Press, 2023.

O'BRIEN, M. E. M. E. O'Brien, Author. **Gender Horizon**, 2025. Disponível em: <https://genderhorizon.com>. Acesso em: 16 jul. 2025.

OYEWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres:** Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

VOGEL, Lise. **Marxism and the Oppression of Women:** Toward a Unitary Theory. Chicago: Haymarket Books, 2013 [1983].

WEEKS, Kathi. Abolition of the family: the most infamous feminist proposal. **Feminist Theory**, [s. l.] v. 24, n. 3, p. 433-453, 2023. Disponível em: <https://scholars.duke.edu/publication/1484867>. Acesso em: 13 out. 2025.

ZHU, Jieming. An Interview with M.E. O'Brien. **Position Politics**, 2023. Disponível em: <https://positionspolitics.org/an-interview-with-m-e-obrien/>. Acesso em: 16 jul. 2025.